

O DESENCANTAMENTO DO MUNDO¹

Darli Alves de Souza
Doutorando em Ciências da Religião – PUC-SP
darlinet@gmail.com

PIERUCCI, Antônio Flávio. O desencantamento do mundo: todos ao passos do conceito em Max Weber. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia/Ed. 34, 2003.

Resumo: o texto de Pierucci tem por objetivo seguir incansavelmente a trajetória da construção do conceito Desencantamento do Mundo em Weber. Para tanto, o autor realiza uma vasta e minuciosa busca ao longo de toda a bibliografia de Max Weber, de maneira cronológica, para saber como e quando começou a ser cunhado o conceito, que, para Pierucci, é a produção intelectual weberiana mais importante para o entendimento da modernidade. Ao longo da obra, ele vai apresentando detalhadamente como surgiram as motivações de realizar a empreitada até o resultado final, que, para sua surpresa, abriu a porta para uma nova possível investigação, qual seja, o novo encantamento do mundo.

Palavras-chave: sociologia da religião; religião e sociedade; ética social; Secularização.

Abstract: the text of Pierucci has for objective to follow the path of the construction of the concept tirelessly Disenchantment of the World in Weber. For so much the author accomplishes a vast and meticulous search along the whole bibliography of Max Weber in a chronological way to know as and when it began to the concept to be coined, that is the production intellectual more important of Weber for the understanding of the modernity, for Pierucci. Along the work he is going presenting in full detail as the motivations appeared of accomplishing the taskwork to the final result of which, for his surprise he opened the door for a possible new investigation, which is, the new enchantment of the world.

Keywords: Sociology of the Religion; Religion and Society; Social Ethics; Secularization.

¹ Este texto foi escrito como trabalho final no Curso Temático Sociologia da Religião, ministrado pela Profa. Dra. Maria José F. R. Nunes.

Considerações iniciais

O texto de Pierucci tem por objetivo seguir incansavelmente a trajetória da construção do conceito Desencantamento do Mundo em Weber. Para tanto, o autor realiza uma vasta e minuciosa busca ao longo de toda a bibliografia de Max Weber, de maneira cronológica, para saber como e quando começou a ser cunhado o conceito, que, para Pierucci, é a produção intelectual weberiana mais importante para o entendimento da modernidade (p. 8).

Ao longo da obra, o autor vai apresentando detalhadamente como surgiram as motivações de realizar a empreitada até o resultado final, que, para sua surpresa, abriu a porta para uma nova possível investigação, qual seja, o novo encantamento do mundo (p. 221). Desse universo ele passa por citações de especialistas, comentadores e tradutores da obra de Weber; sempre com sua precisão e honestidade, escreve de maneira muito clara e simples, mas sem perder a profundidade necessária para dar conta de conhecer todos os passos de um conceito.

Para apresentar, de maneira detida, tudo sobre o conceito desencantamento do mundo (*entzauberung der welt*), é discutido primeiro o conceito a partir da relação *significante/significado*

do sintagma. Depois dessa discussão à exaustão, Pierucci apresenta quantas vezes Weber utiliza e em quais escritos estão localizados o sintagma. Ao total, são dezessete passos meticulosamente contados e comentados com maestria.

No início da obra, o autor apresenta como postura equivocada o fato de que, quando se trata do estudo dos escritos de Weber, trata-se estritamente de Sociologia da Religião; com isso, o estudo e a análise ficam empobrecidos para o conhecimento da contribuição weberiana, porque sua reflexão não está circunscrita nesse universo, muito embora a contribuição de sua reflexão nessa área seja inegavelmente necessária. Contudo, não se pode circunscrevê-lo no universo da Sociologia da Religião pelo simples fato de que não existia ainda essa área do conhecimento, ou melhor, a sociologia ainda estava se consolidando enquanto área do conhecimento. Além disso, “ninguém poderá dizer que é conhecedor da sociologia de Weber se não passar por sua Sociologia da Religião ou freqüentar ao menos seus picos mais altos” (p. 16). Isso significa dizer que a reflexão sobre o desencantamento do mundo não é meramente um estudo sobre religião ou religiões, e sim um estudo, uma análise exaustiva de um conceito de entendimento da sociedade ocidental e de maneira mais específica da modernidade. No entender de Pierucci, é a partir da década de 1970 e 1980 mais especificamente que há um renascimento do interesse pelo estudo de Weber. Portanto, é nesse período frutífero de reflexão sobre a produção weberiana que se buscará boa parte dos insumos que servirão de base para Pierucci. Dos autores que se debruçaram nessa direção são destacados Friedrich H. Tenbruck e, especialmente, Wolfgang Schluchter. Desses dois, principalmente o último, entre outros vários, são colhidas inúmeras reflexões para o objetivo da obra: a gênese e em que obras estão presentes o termo desencantamento do mundo.

O sintagma desencantamento do mundo teve sua origem ou pelo menos serviu de inspiração para Weber a partir das reflexões de um filósofo alemão chamado Friedrich Schiller (1750-1805). Essa afirmação é baseada

em vários comentadores de Weber. Porém, cabe ressaltar que desencantamento do mundo é algo essencialmente weberiano. Segundo Pierucci, “o termo não foi cunhado pelo próprio Weber, nem adotado *ipsis litteris* de Schiller e sim por ele adaptado a partir de um sintagma similar” (p. 30). O termo cunhado por Schiller seria desencanto do mundo. Portanto, aqui está situada a gênese daquilo que para o autor é uma obsessão: entender o desenvolvimento de um conceito importantíssimo para a compreensão do mundo ocidental dos últimos séculos.

Feita essa pontuação, sobre a origem do conceito que norteia a obra, o autor enfatiza precisamente que o que se pretende com a pesquisa é dizer que Weber faz uso do conceito desencantamento do mundo de maneira precisa e não complicada (p. 42). Como já foi dito anteriormente, Pierucci identifica, nada mais, nada menos, que dezessete empregos na vasta herança literária weberiana. Para esses empregos, o autor faz uma contabilidade interessante: nove vezes o termo desencantamento é utilizado como desmagificação; quatro vezes como perda

de sentido; quatro vezes como desmagificação mais perda de sentido. Nessa travessia exaustiva, é demonstrado que há dois sentidos do sintagma: a) desencantamento do mundo pela religião; b) desencantamento pela ciência.

Segundo Pierucci, a primeira aparição da expressão desencantamento do mundo (*Entzauberung der Welt*) se dá “em um artigo para a revista *Logos* em setembro de 1913” (p. 62). Esse ensaio fala sobre a sociologia compreensiva que, para Weber, é “a Sociologia como ciência do sentido subjetivo da ação social” (p. 66). Nesse texto, Weber desenvolve vários elementos da Sociologia no contexto alemão no período 1913-14, momento importante do debate metodológico da Sociologia, que, àquela altura, ainda não estava totalmente firmada. Mas é no tocante à religião que o autor quer se ater ao conteúdo do texto, que é o que lhe interessa. Nesse particular, Weber afirma que a Sociologia da Religião se ocupa de duas formas de relação com o sagrado: através da magia e da religião. Para ele, a magia representa o momento anterior da religião, com nítida afinidade eletiva com o estágio “animista” de uma humanidade imersa num mundo cheio de espíritos, nem essencialmente bons, nem essencialmente maus, apenas capazes de influir de maneira favorável ou não na vida humana, habitando de maneira invisível um universo não dual (p. 69). No raciocínio weberiano sobre magia, esta é “a coerção do sagrado, compulsão do divino, conjuração dos espíritos” (p. 70). Por outro lado, Weber irá colocar a religião de maneira desmagificada em contraposição, e dirá “religião é respeito, prece, culto e, sobretudo doutrina. Sendo principalmente

doutrina, a religião representa em relação à magia um momento cultural de racionalização [por que não dizer também desencantamento?] teórica, de intelectualização com nítidas pretensões de controle sobre a vida dos leigos, querendo a constância e a fidelidade à comunidade de culto” (p. 70). Portanto, há uma clara passagem da magia para a religião que é, de certa maneira, pano de fundo para entendimento do desencantamento do mundo. Assim, essa passagem da magia para a religião “corresponde termo a termo à travessia do império do tabu ao domínio do pecado [...] da coerção divina para o serviço divino; da chantagem e do conjuro para a súplica e a oração [...]” (p. 70).

É importante valer-se do que o autor utiliza para resumir sua reflexão sobre a separação entre magia e religião, dizendo que “Weber trata a distinção entre magia e religião de uma perspectiva histórica fortemente travejada por uma visada evolutiva [...] A religiosidade mágica vem desde o princípio, desde tempos imemoriais, literalmente primordiais; a religiosidade ética, por sua vez, ainda não tem três milênios de existência” (p. 87). Com isso se quer dizer que há um processo longo e gradual de transição, ora mais intenso, ora menos, como, por exemplo, a partir da reforma protestante do século XVI. É também importante destacar e entender nesse processo de mudança

intrigante que há uma “co-incidência dos processos de desencantamento e intelectualização religiosa” (p. 88). Isso é fundamental para a compreensão do que a escrita weberiana quer dizer com desencantamento do mundo.

Seguindo adiante no percurso de dissecar o mais importante sintagma weberiano, Pierucci destaca três aspectos desses passos, a saber: a relação de complementação entre o desencantamento do mundo e a ascese intramundana do protestantismo ascético; desencantamento do mundo no plano das idéias, ou seja, desencantamento das imagens do mundo; desencantamento como moralização religiosa ou eticização da conduta religiosa.

Para argumentar sobre o primeiro aspecto, ou seja, desencantamento e sua correlação com a ascese intramundana, o autor destaca que esse processo é intra-religioso e que, por isso, busca tirar, através de seus intelectuais, o máximo possível que há na religião de mágico para a obtenção da graça. Com isso, em contrapartida, eleva-se a uma busca incessante, a um aperfeiçoamento diário, quer de ordem técnica nos negócios, quer na sua conduta de vida cotidiana como ser humano para atingir a graça. Em outras palavras, a religião é algo que se vive no extracotidiano, mas que se complementa no tempo e espaço cotidiano. É algo que não se pode separar.

Em segundo lugar, idéias religiosas são como se vê o mundo, ou seja, as imagens que se tem dele. Nesse sentido, é necessário pontuar o que significam idéias no conceito de Weber: “Idéias são aqueles pontos de vista suprapessoais que articulam os aspectos fundamentais da relação do homem com o mundo. Em sentido amplo, elas são imagens de mundo, mais precisamente, elas devem sua existência à necessidade, e à busca intelectual de uma narrativa coerente do mundo e, como tal, são criadas predominantemente por grupos religiosos, profetas e intelectuais” (p. 92). O importante é que nesse universo das idéias ocorre a mudança da visão mágico-mítica para uma visão racionalizada apoiada na imagem metafísico-religiosa do mundo. De maneira mais prática, a racionalização e a intelectualização que permitem essa maneira de ver o mundo.

Por último, falta pontuar o processo de eticização da religião, que ocorre internamente na mesma. É algo que se dá de dentro para fora, na medida em que gera consequência no agir das pessoas. Aqui há um claro processo de “duas condições, desencantamento do mundo e deslocamento da via de salvação da fuga do mundo contemplativa para a transformação do mundo ascético-ativa” (p. 98). Isso para demonstrar que a postura religiosa muda seu centro e seu foco promovendo nos indivíduos dessa religião desencantada uma ascese intramundana que é igual ao domínio desperto da própria conduta de vida. “O asceta intramundano é um racionalista prático todo dia, não de

segunda a sábado, mas de segunda a segunda” (p. 99).

O importante a destacar, para além do que foi dito, é que desencantamento do mundo não é uma perda para a religião, como se ela estivesse perdendo valor, campo ou qualquer outro elemento. Fora isso, também não é perder religião, no sentido de sentimento religioso, mas, ao contrário, é moralizar a religião. “Um triunfo da racionalização religiosa: em termos tipológicos, a vitória do profeta e do sacerdote sobre o feiticeiro: um ganho em religião moral, moralizada, ou seja, expandida em suas estruturas cognitivas e fortalecida em sua capacidade de vincular por dentro os indivíduos” (p. 120). Fica claro que a religião racionalizada opera uma internalização que antes não ocorria. Essa atitude internalizada gera no fiel um comportamento moral intramundano diferenciado. Isso porque, com uma religião racionalizada, é importante ter no mundo uma atitude condizente com as práticas religiosas. Esse é o conceito clássico de Weber de ascese intramundana.

No campo do significado literal do termo, é importante agregar que para Weber desencantamento do mundo é a desmagificação da busca de salvação. Pierucci apresenta esse elemento como “a outra face do processo de moralização da prática religiosa, um processo histórico-religioso tipicamente ocidental e de sérias conseqüências para o viver humano” (p. 146). Para melhor clarificar é necessário lançar mão da separação entre a racionalização religiosa e a racionalização técnico-científica. Com a expressão “*entzauberung der welt*”, Weber refere-se ao processo de racionalização da religião, o qual tem conseqüências na conduta de vida de modo ético-ascético, isto é, nada mais e nada menos que a religião determinando a conduta de vida racionalizada na prática, ou seja, no cotidiano das pessoas. Por isso que “uma das limitações da ciência mais difíceis de aceitar é justamente essa sua incapacidade de nos salvar, de nos lavar a alma, de nos dizer o sentido da vida num mundo que ela desvela e confirma não tendo em si, objetivamente, sentido algum” (p. 158). Portanto, é a religião que aparelha a realidade intramundana de sentido, principalmente a partir de profecias racionais (p. 179). Com isso, o processo de desencantamento é a saída da magia para a profecia que determina a conduta de vida plena de sentido, porque é a vontade de Deus, seja ela concreta ou abstrata. O profeta “é um indivíduo encarregado por Deus de exigir a obediência como dever ético” (p. 179).

Considerações finais

Para finalizar, serão propostos alguns tópicos, com a intenção de sintetizar elementos importantes para os quais a obra aponta.

O desencantamento do mundo como eticização religiosa em seu ponto máximo. É possível afirmar que o protestantismo ascético conseguiu aliar uma rejeição religiosa do mundo com uma ascese intramundana regida pela ética protestante amparada no “dever ser”, obedecendo aos desígnios de Deus através de profecia. Isso se traduz em uma vida racional e santificada ao mesmo tempo.

Desencantamento do mundo não é puramente secularização ou racionalização do mundo. Não se pode jamais confundir ou até mesmo associar o desencantamento do mundo com o processo de secularização do mundo. A secularização passa por outros contornos, talvez mais técnicos e científicos. Em outras palavras, a secularização pressupõe um afastamento da religião, fato que não se constata na reflexão incansável de Weber

ao cunhar o termo em questão. Vale ressaltar que não é simplesmente um processo de racionalização do mundo, como fica claro ao longo da obra. O elemento religião é fundamental para entender o sintagma. É ela que dá sentido, que norteia o processo de desencantar. É um processo interno da religião, com consequência para fora dela, no cotidiano das pessoas.

O protestantismo ascético como processo final do desencantamento do mundo. É importante notar que esse tipo de protestantismo “é a saída da religião, sim, só que ainda religião” (p. 211). Aqui fica claro, mais uma vez, que o desencantamento é religioso e não científico. Não há nada de secularização ou racionalização pura e simples. Não é possível, diante dessa explicação, pensar em estar desencantado com o mundo ou com as coisas do mundo. Isso não tem nada a ver com desilusão, desalento em relação à vida. Ao invés disso, é desmagificação do mundo através da racionalização da religião. “Este é na escrita de Weber, do início ao fim de seus dias, e a revisão d’ética protestante em 1919-1920 não me deixa mentir, o sentido literal de desencantamento do mundo” (p. 214).

O termo desencantamento do mundo tem dois sentidos. O primeiro deles é o sentido religioso de desencantar o mundo através da religião. O novo modelo religioso determina o *modus vivendi* das pessoas reformulando sua visão e principalmente postura em relação ao mundo. O segundo diz respeito ao fato de que a ciência não consegue dar sentido ao todo do mundo e sim a cada parte de maneira causal, portanto, tira o sentido do mundo como um todo, enveredando em explicações que apresentam causas dos fenômenos que ocorrem. Tanto um sentido quanto outro são apresentados ao longo das obras de Weber de maneira simultânea, intercaladas, permanecendo o mesmo do início ao fim.

Finalizando, não se pode deixar de mencionar a chave de ouro da leitura do texto com relação ao sintagma desencantamento do mundo: o reencantamento do mundo. Este passa, necessariamente, por uma outra esfera cultural da vida, que não é a religiosa e sim erótica, esfera na qual habita uma força irracional que é a força sexual, talvez uma das principais forças necessárias para reencantar o mundo. Hoje se vive uma realidade permeada por burocracias, formalidades, enfim, muita racionalidade.

Diante disso, uma reflexão mais cautelosa de Weber dará subsídios para se reencantar o mundo através da força mais irracional do ser humano. Mas o que isso significaria? Significa que aí há uma luta entre duas forças místicas, de um lado a mística supramundana, que transcende este mundo através da rejeição religiosa do mundo em uma conduta de vida ascética que só tem sentido se depositar sua esperança de salvação no outro mundo através de um Deus (Pierucci, 1998, p. 15). Por outro lado, tem-se a salvação intramundana ou, nas Palavras de Pierucci, “o sexo como salvação neste mundo”, o qual proporciona “uma porta aberta para a salvação neste mundo” (1998, p. 15), uma alternativa de salvação sem ser extramundana. Essa luz que o autor traz sobre salvação intramundana, ou seja, uma outra possibilidade de sair das amarras opressivas das inibições e autonegações do mundo moderno como possibilidade mística de salvação, sem sair deste mundo. Esse ponto final do autor é profundamente instigante para pensar a religião. É óbvio que essa reflexão de Pierucci sobre a obra de Weber subverte muitas posturas religiosas e até mesmo a própria religião. Quando aqui se refere à religião, é importante ressaltar que são aquelas chamadas por Weber de religiões de salvação

que, necessariamente, têm como característica o ato transcendente de sair deste mundo depositando sua fé, esperança e principalmente a plenitude da salvação no outro mundo.